

E BANDEIRAS

PSEUDÔNIMO: BORBA GATO

Sérgio Francisco Cruz Fantini

Faculdade de Letras

Tudo depunha contra minha permanência naquele bar. A música, a cerveja, as pessoas. Já era tarde demais, eu estava nas últimas. Quase dormindo, pedi mais uma. Desceu em ziguezague, queimando dentro. Aquela realmente não era a minha noite. A carne cozida tinha muita gordura, aliás, as almôndegas também boiavam numa estranha gelatina alaranjada. Eu estava perto do fogareiro, de onde saía uma fumaça horrível fedendo a banha. E perto do desespero. Dois homens no balcão miravam seus respectivos copos, as costas curvas, cansados. Não diziam nada, apenas se deixavam ali como continuações de seus banquinhos. O dono do bar babava para uma velha tv muda sobre a galadeira idem. Aquela noite ia longe...

«Energia, bicho, energia pura» foi o que se ouviu de um negro enorme do outro lado da rua. Olhei meio de banda, o doidão dançava. Tinha um disco na mão e pulava do passeio pro asfalto e de volta pro passeio. Consegui acompanhar aquilo durante uns dois minutos; cansei e voltei meus olhos pro interior do bar que já abrigava mais três garotos. Sentaram no salão e pediram guaraná e pinga. Em 1/2 hora eles já tinham mandado mais 3 cervejas. Bons aqueles caras. Um deles gritou qualquer coisa sobre a música. A mulher do dono do bar mudou a fita. Aí um dos dois que estavam no balcão se levantou lento e desligou o som. Cada um, a seu modo, acompanhou a cena: o menino veio xingando «velho filho da puta» e antes d'eu atingir o tédio total eles conseguiram quebrar várias garrafas. Tranquilo, o dono do bar contornou a situação pondo os dois pra fora. «Se há um pro-

prietário que tem meu respeito é o de bar», balbuciei pra ninguém. Afinal, quem mais se preocupa tanto em deixar tanta bebida sempre perto de mim?

Quando um carro de polícia estacionou eu não tive mais dúvidas: a noite estava definitivamente perdida. Mas não foi tão ruim, eles comeram ovos cozidos e tomaram coca-cola. Simpáticos aqueles rapazes, apesar das mortes penduradas na cintura. Agora o bar se movimentava um pouco. Jogo de purrinha no salão.

Um dos 3 garotos me olhava estranhamente. «Meu Deus, uma cantada às 2 da madrugada», pensei, era só que faltava. Ele olhava, olhava... olhos empapuçados e boca seca e torta. E se levantou. E caminhou em minha direção. E pegou o cigarro de meus lábios! E o jogou na rua!!! E eu lhe dei um chute no saco. Ninguém fez nada. Ele voltou pra mesa, gemendo. O pessoal saca logo quando tô triste.

